



VI Congresso Internacional de Educação- Neurociência e educação- entrelaçamentos entre saúde, aprendizagem e envelhecimento



A NATUREZA COMO SALA DE AULA: VIVÊNCIAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Daianny de Moura Nunes
Juliana Benitez Golfetti
Larissa de Sousa Silveira Ribeiro
daynunes33@gmail.com
julianabenitez324@gmail.com
laryspedagoga@gmail.com

RESUMO

Este artigo discute a inserção da Educação Ambiental (EA) na Educação Infantil e analisa como experiências simples, sensoriais e intencionais contribuem para a formação de valores, atitudes e práticas de cuidado com o meio ambiente desde os primeiros anos de vida. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamenta-se em análise documental e bibliográfica, tendo como bases a Constituição Federal de 1988, a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e autores como Reigota (2001), Jacobi (2003), Tiriba (2010) e Verderio (2021). Articula-se a esses referenciais um relato de experiência desenvolvido com crianças do Grupo 2 de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), no qual foram propostas vivências sensoriais e exploratórias envolvendo a natureza e o contato direto com elementos como a terra. Os resultados evidenciam que as crianças constroem sentidos ambientais a partir de experiências reais, curiosas e afetivas, fortalecendo a autonomia, a socialização, o vínculo com o ambiente natural e a compreensão de que fazem parte da natureza e influenciam seu equilíbrio. Conclui-se que a EA na primeira infância se torna mais significativa quando vivenciada de forma integrada ao cotidiano, por meio de interações, brincadeiras e explorações sensoriais, contribuindo para o desenvolvimento integral e para a formação de uma consciência ecológica. O estudo apresenta como limitação o fato de ter sido

realizado com um único grupo, mas oferece subsídios para refletir sobre práticas pedagógicas que valorizem o contato cotidiano com a natureza na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Educação Infantil. Práticas Pedagógicas. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This article discusses the inclusion of Environmental Education (EE) in Early Childhood Education and analyzes how simple, sensory, and intentional experiences contribute to the formation of values, attitudes, and practices of care for the environment from the earliest years of life. The research, using a qualitative approach, is based on documentary and bibliographic analysis, drawing on the 1988 Federal Constitution, the National Environmental Education Policy (PNEA), the National Common Curricular Base (BNCC), and authors such as Reigota (2001), Jacobi (2003), Tiriba (2010), and Verderio (2021). Articulating these references is an account of an experience developed with children from Group 2 of a Municipal Early Childhood Education School (EMEI), in which sensory and exploratory experiences involving nature and direct contact with elements such as earth were proposed. The results show that children construct environmental meanings from real, curious, and affective experiences, strengthening autonomy, socialization, the bond with the natural environment, and the understanding that they are part of nature and influence its balance. It is concluded that environmental education in early childhood becomes more meaningful when experienced in an integrated way in daily life, through interactions, play, and sensory explorations, contributing to holistic development and the formation of ecological awareness. The study's limitation is that it was conducted with only one group, but it offers insights for reflecting on pedagogical practices that value daily contact with nature in early childhood education.

Key words: Environmental Education. Early Childhood Education. Pedagogical Practices. Experience Report.

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a educação tem recebido inúmeras demandas e temas para serem explorados, e como finalidade busca formar cidadãos em sua integralidade, que compreendam e participem das diferentes demandas da vida em sociedade. Pode-se descartar os temas ambientais, emocionais, familiares, profissionais e de autocuidado. Neste sentido, desde muito pequenas, as crianças precisam vivenciar não apenas experiências reais e próximas do seu cotidiano, mas ter acesso os saberes já construídos socialmente e realizar a construção e ampliação dos seus saberes.

A Educação Ambiental (EA) tem sido amplamente disseminada no campo educacional e na Educação Infantil tem se consolidado como um campo essencial para a formação cidadã e para o desenvolvimento de valores, atitudes e práticas de cuidado com o meio ambiente desde os primeiros anos de vida. Considerando que as crianças aprendem por meio das interações, brincadeiras e das experiências cotidianas, torna-se fundamental compreender como a EA pode ser vivenciada de maneira significativa em contextos educativos que ampliem a curiosidade, o vínculo afetivo e o sentimento de pertencimento à natureza. Nesse sentido, este estudo tem como objeto a inserção da EA na primeira infância, articulando fundamentos legais, teóricos e pedagógicos às práticas reais desenvolvidas em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI).

Propiciar vivências significativas na Educação Infantil contribui de maneira essencial para o desenvolvimento das crianças, pois essas experiências servem como base para aprendizagens futuras. Quando a criança explora, observa, brinca, questiona e interage com diferentes situações, ela amplia sua compreensão sobre o mundo e fortalece habilidades cognitivas, sociais e emocionais, construindo novas formas de perceber, interpretar e transformar a realidade que as cerca.

O objetivo central deste trabalho é compreender como experiências simples, sensoriais e intencionais podem promover aprendizagens ambientais significativas, fortalecendo valores de cuidado, responsabilidade e respeito pela natureza. Neste sentido é preciso pensar de que maneira a EA pode ser integrada ao cotidiano da Educação Infantil? e como os documentos oficiais e os referenciais teóricos norteiam essas práticas. Partimos do princípio que EA na primeira infância se torna mais efetiva quando vivenciada por meio de interações, brincadeiras e explorações sensoriais que favoreçam a criação de vínculos afetivos com o ambiente natural.

A metodologia utilizada consiste em uma pesquisa de natureza qualitativa, documental e bibliográfica, articulada a um relato de experiência desenvolvido com crianças do grupo 2 de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI). Foram adotados como fontes documentais

a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Constituição Federal de 1988 (CF/88) e a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), que serviram como base normativa para a análise e discussão do tema.

Esses documentos orientaram a compreensão dos princípios, diretrizes e fundamentos que sustentam a abordagem da EA na Educação Infantil e permitiram estabelecer relações entre a teoria com os autores Reigota (2001), Jacobi (2003), Tiriba (2010) e Verderio (2021) e as práticas descritas no relato de experiência.

A sequência didática desenvolvida buscou explorar elementos naturais, promover contato direto com a terra e estimular a investigação do espaço externo da escola, permitindo observar como as crianças constroem sentidos ambientais a partir da vivência concreta. Como justificativa, destaca-se a necessidade de reconhecer que a EA, quando iniciada ainda na primeira infância, contribui para a formação integral e para o desenvolvimento de uma consciência ecológica, fortalece a socialização, aguça a capacidade de observar, explorar, cuidar e se relacionar com o ambiente em que vive.

Ressalta-se que o estudo se restringiu a um único grupo de crianças e a uma experiência específica, não tendo como objetivo generalizar resultados, mas oferecer reflexões que possam inspirar outras práticas pedagógicas. Ainda assim, o percurso vivido evidencia a importância de integrar teoria e prática, reafirmando que a EA na Educação Infantil se fortalece na sensibilidade das pequenas vivências, nas relações construídas e na potência educativa do contato cotidiano com a natureza.

2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A educação abrange uma variedade de temas essenciais, o que exige reflexão sobre as formas mais adequadas de abordá-los no contexto escolar, especialmente na Educação Infantil, onde as experiências precisam ser significativas e conectadas ao cotidiano das crianças. Entre esses temas, a EA tem se destacado pela sua crescente relevância social, tornando-se fundamental para promover desde cedo valores, atitudes e práticas de cuidado, responsabilidade e respeito em relação ao meio ambiente.

Assim a CF/88, em seu art. 225, afirma que todos têm direito a viver em um ambiente equilibrado e saudável, e que o poder público e a sociedade são responsáveis por protegê-lo. Nesse artigo, a Constituição determina também que o Estado deve promover a EA em todos os níveis de ensino, garantindo que crianças, jovens e adultos aprendam desde cedo a cuidar da natureza e a compreender sua importância para a qualidade de vida. Ao destacar esse compromisso, a CF/88 reforça que a EA é parte essencial da formação cidadã e deve estar presente nas práticas escolares, ajudando a desenvolver atitudes de responsabilidade, participação e cuidado com o meio ambiente.

Neste viés a partir da criação da PNEA, pela Lei nº 9.795/1999 a EA no Brasil, tornou-se um campo importante para a formação cidadã, pois ela entende a EA como um processo contínuo, que ajuda a desenvolver valores, conhecimentos e atitudes voltados ao cuidado com o meio ambiente e à promoção da sustentabilidade. A PNEA determina que a EA deve estar presente em todos os níveis e modalidades de ensino, de forma integrada e transversal, ampliando a compreensão das relações entre pessoas, natureza e sociedade.

A BNCC na Educação Infantil, embora não seja voltado com conteúdos exclusivos para a EA, ela corrobora com os demais documentos a partir do momento em que integrada a EA aos cinco Campos de Experiências tratando da interação da criança com o espaço, a natureza e o cuidado consigo, com o outro e com o ambiente. Na Educação Infantil, a BNCC entende que as crianças aprendem sobre o mundo por meio das interações, das brincadeiras e das experiências que vivenciam no cotidiano, assim a EA aparece de forma integrada e transversal, fazendo parte das situações educativas que permitem à criança observar, explorar, cuidar e se relacionar com o ambiente em que vive.

O documento destaca que, ao explorar espaços internos e externos, as crianças constroem sentidos sobre a natureza, desenvolvendo atitudes de cuidado, respeito e responsabilidade. A BNCC, ao organizar os campos de experiências, valoriza práticas que aproximem as crianças da natureza como brincadeiras ao ar livre, exploração do entorno, contato com elementos

naturais e participação em rotinas de cuidado dos espaços coletivos, favorecendo a formação de uma consciência ambiental desde os primeiros anos de vida.

A EA quando vivenciada na Educação Infantil, ganha uma força especial na formação integral das crianças. Isso porque ela permite experiências que unem corpo, sensibilidade, cultura, natureza e relações sociais tudo aquilo que faz parte do cotidiano da infância. Mais do que falar sobre reciclagem, preservação ou cuidados com o meio ambiente, a proposta é oferecer vivências reais momentos em que a criança amplia seu olhar sobre o mundo e percebe que ela também pertence a ele. É nessa direção que Reigota (2001), Jacobi (2003), Tiriba (2010) e Verderio (2021) defendem que a EA deve começar ainda na primeira infância, por meio de práticas que despertem encantamento, favoreçam a criação de vínculos e cultivem o respeito pela natureza.

Verderio (2021) reforça que a EA voltada à primeira infância se torna ainda mais potente quando se apoia em atividades que despertam o interesse autêntico da criança pelo ambiente. Isso acontece quando ela pode observar, tocar, cheirar, ouvir e investigar o que está ao seu redor. Nessa etapa da vida, as experiências diretas falam mais alto do que explicações abstratas, porque as crianças aprendem especialmente pela ação, pelo movimento e pelas relações que constroem com pessoas e elementos naturais. Caminhar pelo espaço da escola, mexer na terra, observar insetos, sentir o vento ou explorar plantas são, portanto, experiências formativas de grande valor.

Tiriba (2010) também lembra que as crianças são, por essência, “seres da natureza”, e que a escola precisa reconhecer essa dimensão ao oferecer vivências que tornem o ambiente um território de afeto, descoberta e pertencimento. Para a autora, o emparedamento tão comum nas instituições de Educação Infantil acaba afastando as crianças daquilo que compõe sua própria humanidade: a luz, o vento, a terra, os animais e as plantas. Por isso, estar ao ar livre não deve ser visto como algo complementar, mas como parte central de uma pedagogia ecológica comprometida com a formação de sujeitos sensíveis e conscientes do seu papel no cuidado com o mundo.

“[...] entre as experiências que as crianças devem vivenciar, a natureza se faz presente, a partir de atividades que:

Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais. (SAE DIGITAL, 2019).

Na Educação Infantil, é importante que as crianças vivenciem experiências que as aproximem da natureza de maneira curiosa e significativa. Isso inclui atividades que despertem

o interesse em explorar, observar, perguntar e descobrir como o mundo funciona, seja no contato com plantas, animais, água, terra ou outros elementos do ambiente. Também é essencial promover situações em que as crianças aprendam a cuidar da natureza, reconhecendo a importância de preservar a vida, valorizar a biodiversidade e evitar o desperdício de recursos naturais.

Assim, o contato cotidiano com a natureza contribui para desenvolver atitudes de respeito, cuidado e responsabilidade desde os primeiros anos de vida. Instigar os alunos a realizarem questionamentos sobre o impacto que suas ações e proporcionar o contato com a natureza acresce ainda mais significado as experiências que podem ser vivenciadas e exploradas em relação ao mundo natural e se perceberem parte importante deste processo de descobertas e a busca por uma sociedade sustentável.

Brasil (2017) pondera que as ações realizadas pelo educador devem estar carregadas de intencionalidades que consistam em ofertar aos alunos conhecimentos científicos, culturais e sobre a natureza que possibilitem aos educandos conhecer-se e conhecer o outro. Deixando evidente que há diferentes maneiras de se interrelacionarem com o ambiente natural e social acarretando em práticas que exploram o autocuidado, literatura, brincadeiras e a exploração de diferentes materiais e as relações que são estabelecidas com grupos de diferentes faixas etárias.

As crianças se encontram inseridas em diferentes tempos e espaços e os fenômenos naturais já as circundam estando em contato diariamente com ambientes que variam os bairros, ruas entre manhã, tarde e noite e estão constantemente questionando- se sobre os fenômenos naturais, socioculturais suas relações e mudanças

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. (BRASIL, 2017, p.38)

É na infância o início de uma trajetória a ser percorrida por diferentes indivíduos, nesse sentido quando refletimos que é na Educação Infantil que as crianças terão acesso aos mais diferentes temas e que ela passa a compreender as interações que são criadas na sociedade e ali ela tem acesso a conceitos que irão acompanhá-la ao longo de toda sua vida.

É nessa fase a melhor oportunidade para trabalhar a EA, já que ela irá compreender desde a tenra idade que faz parte da natureza e que suas ações impactam o meio e assim constroem uma afinidade com o meio ambiente, na qual “observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação” (Brasil, 1998, vol. 1, p.63).

Jacobi (2003) complementa essa visão ao afirmar que a EA crítica deve promover o desenvolvimento de valores como cooperação, solidariedade, respeito e responsabilidade ambiental. Essas dimensões se fortalecem, de fato, quando as crianças aprendem coletivamente, trocam descobertas e constroem relações de cuidado, tanto entre si quanto com o que observam ao redor. É esse convívio que faz com que as atividades de exploração da natureza contribuam para a formação de uma consciência ecológica sólida desde cedo.

Neste sentido Tiriba (2010), deixa claro que experiências como essa reforçam uma pedagogia do cuidado, que envolve cuidar da natureza, cuidar dos outros e cuidar de si. Quando as crianças observam um inseto de perto, manipulam a terra com delicadeza ou compartilham suas descobertas com os colegas, elas estão exercitando essa ética do cuidado.

“práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização”.
(Brasil, 2017, p.39)

Nas instituições de Educação Infantil as crianças aprendem brincando e esse conhecimento propiciado por meio de experiências práticas vivenciadas, permitem que elas possam a fazer a reprodução dos conhecimentos apropriados, mas não por que a professora solicitou, mas porque compreenderam que há uma responsabilidade com o meio ambiente e sentem-se confortáveis em propaga-los. Elas são ensinadas a ter um olhar para o ciclo da natureza e são tantas oportunidades de ofertas como ver o ciclo de vida da borboleta, o curso das águas, plantar uma árvore, hortas e flores, o meio ambiente torna-se apaixonante a seus olhares e elas repassam aos adultos o que aprendem e os cobram atitudes corretas quanto ao cuidado e preservação.

Tendo em vista todas essas possibilidades que podem e devem ser trabalhadas na primeira etapa da Educação Básica, esta proposta realiza uma apresentação sobre o trabalho com EA na Educação Infantil juntamente com um relato de experiência de uma sequência didática que foi desenvolvida com as crianças de dois anos matriculadas no Grupo 2 de uma escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) explorando a EA por meio de interações e brincadeiras dotadas de intencionalidades.

2.1 MÃOS NA TERRA: A NATUREZA COMO LUGAR DE AFETO E APRENDIZAGEM NO GRUPO 2

Este tópico faz alusão a um relato experiência proposto e vivenciado com um grupo 2 de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) a partir do trabalho com EA organizado a partir de uma sequência didática. A EA na Educação Infantil não é sobre livros ou conceitos. É um convite irresistível para que as crianças, em seus primeiros passos no mundo, ancorem uma relação viva e profundamente afetiva com a natureza. Mais do que apenas explicar teorias, trata-se de deixá-las serem, experimentando o mundo com todos os sentidos e o corpo todo: colocar a mão na terra, sentir o perfume das plantas, escutar os sons que vêm de longe, observar atentamente as cores ao redor, deixar o vento tocar o rosto e, acima de tudo, se maravilhar com cada minúscula descoberta que brota no caminho.

É por meio dessas vivências que a criança constrói pertencimento e desenvolve consciência sobre o mundo ao seu redor. Tiriba (2010) e Verderio (2021) lembram que a primeira infância é um período sensível, em que pequenas descobertas ganham grande significado e influenciam valores, hábitos e formas de estar no mundo.

Foi com esse olhar que vivenciamos a experiência com as crianças do Grupo 2, a atividade fez parte de uma sequência didática sobre EA, cujo objetivo inicial era aproximar as crianças da terra, dos elementos naturais e do ambiente externo da escola. Mesmo que a horta não tenha sido implantada naquele momento, todo o percurso já havia se mostrado potente e cheio de sentido exatamente como aponta Verderio (2021), quando afirma que a EA vai muito além de resultados finais: ela se constrói no encontro, na vivência e na curiosidade que nasce do cotidiano.

A proposta começou com uma caminhada até o espaço onde, futuramente, será construída a horta escolar. À primeira vista, parecia apenas um deslocamento simples, mas logo percebemos o quanto aquele momento despertou interesse e encantamento. Durante o trajeto, convidamos as crianças a observar o céu, sentir o vento, escutar os pássaros, notar as cores das folhas e procurar pequenos insetos escondidos pelo caminho. Cada parada virava uma descoberta; cada dedo apontado, uma pergunta; cada silêncio atento, uma forma de aprendizado.

Segundo Tiriba (2010), as crianças são “seres da natureza” e por isso, vivenciam o ambiente natural com intensidade e completude. Para a autora, experiências ao ar livre permitem que elas se reconectem com aquilo que lhes é essencial: sentir a terra, tocar árvores, ver pequenos seres e interagir com o que as rodeia. Foi exatamente esse movimento que observamos durante o percurso: algumas crianças corriam animadas ao ver uma folha diferente

no chão; outras se abaixavam curiosas para entender como uma formiga carregava um pedaço de folha; outras, ainda, caminhavam devagar, observando com calma cada detalhe.

Ao chegarmos ao espaço externo, sentamos em roda sob a sombra das árvores para conversar sobre o que faríamos. Explicamos que aquele espaço aos poucos, poderiam se transformar em uma horta, um lugar de cuidado, cultivo e vida. Mesmo sem conseguirmos efetivar a etapa da plantação, o simples ato de imaginar a horta já mobilizou as crianças e favoreceu a construção de sentidos. Como aponta Reigota (2001), a EA não está restrita à execução de atividades finalizadas, mas sim ao processo de construção coletiva de significados sobre o ambiente.

Em seguida, disponibilizamos bacias com terra seca e limpa para que as crianças pudessem explorá-la livremente. O contato sensorial com a terra foi um dos momentos mais marcantes da experiência. Algumas crianças mergulharam as mãos completamente, deixando a terra escorrer entre os dedos enquanto sorriam; outras tocaram devagarinho, como se estivessem conhecendo um novo amigo; algumas demonstraram receio inicial, aproximando-se cautelosamente. Porém, observando os colegas e com apoio gentil da professora, também decidiram experimentar.

Para Tiriba (2010), o conhecimento emerge da relação sensorial com o mundo. O toque, o cheiro, a textura e a temperatura da terra são elementos que ampliam a compreensão das crianças sobre o ambiente. Ao segurar, esfregar, cheirar e observar a terra entre as mãos, as crianças do Grupo 2 estavam não apenas explorando um material natural, mas vivenciando uma experiência profundamente pedagógica uma experiência que envolve corpo, emoção e descoberta.

Durante a exploração, surgiram perguntas espontâneas: “Olha a formiga prô, ela morde?”; “A minhoca mora na terra?” Essas perguntas, de natureza investigativa, são, segundo Verderio (2021), manifestações da curiosidade natural das crianças elemento central para uma EA significativa. Na Educação Infantil, a EA deve partir, sobretudo, da investigação e do diálogo, respeitando o tempo e os interesses dos pequenos.

A socialização também se destacou como parte essencial da vivência. As crianças compartilhavam suas descobertas, chamavam os colegas para ver algo diferente na terra, imitavam gestos umas das outras, comentavam texturas e sons. Quando uma delas encontrou um pequeno inseto, aproximou a mão devagar, mostrando aos colegas como se segurasse um tesouro frágil. Esse gesto, extremamente cuidadoso, confirma o que Jacobi (2003) afirma: o cuidado ambiental começa com o cuidado com o outro humano ou não humano.

O desenvolvimento socioemocional emergiu de forma natural: crianças que inicialmente resistiam ao toque passaram a explorar o material ao observar os colegas; outras ofereciam

ajuda; algumas mostravam caminhos na terra e criavam pequenas histórias sobre o que imaginavam existir ali. A experiência tornou-se um palco para empatia, cooperação e respeito valores fundamentais da EA crítica (Jacobi, 2003).

Apesar de não termos conseguido implantar a horta naquele período, o processo vivido pelas crianças já constituía um percurso pedagógico potente. Ao explorar o espaço externo, manipular a terra e dialogar sobre suas descobertas, elas se aproximaram da natureza de forma autêntica. Como enfatiza Verderio (2021), a EA na Educação Infantil deve privilegiar experiências significativas, e não apenas ações estruturadas. A intencionalidade pedagógica e o contato real com o ambiente são mais importantes do que o produto final.

Além disso, a vivência dialoga com a BNCC (2017) articulando os campos de experiência O eu, o outro e o nós; Escuta, fala, pensamento e imaginação e especialmente Corpo, gestos e movimentos, Traços, sons, cores e formas e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações valorizando experiências sensoriais, motoras e expressivas. O trabalho ao ar livre amplia repertórios, fortalece vínculos, desenvolve percepção e promove a autonomia.

Ao final da atividade, muitas crianças continuaram falando sobre suas descobertas: “Achei uma terra brilhante”, “Minha mão ficou suja e legal”, “Quero plantar uma flor”. Esses relatos mostram que a experiência marcou o grupo de forma afetiva e profunda.

Assim, integrando teoria e prática, foi possível perceber que a EA na Educação Infantil se realiza em pequenas vivências simples, sensíveis e cheias de sentido. Mesmo sem a horta concluída, as crianças viveram um encontro verdadeiro com a natureza, construindo vínculos que servirão de base para aprendizagens futuras e para o cuidado com a vida em todas as suas formas.

As atividades que foram realizadas com o grupo tiveram como intenção principal abrir espaço para que as crianças pudessem sentir, tocar, observar e experimentar o mundo natural bem de pertinho. A ideia era simples, mas cheia de sentido: permitir que elas explorassem livremente, descobrissem coisas novas e se conectassem com a natureza usando o próprio corpo. E, pelas fotos, é possível perceber o quanto esses momentos renderam descobertas, interações e aprendizagens que nasceram de forma espontânea e verdadeira.

Organizamos a proposta em dois momentos complementares. Primeiro, saímos para explorar o pátio e coletar elementos naturais; depois, levamos tudo isso para uma vivência sensorial com areia, água e folhas um convite à curiosidade e à imaginação.

Exploração do Ambiente Natural: começamos convidando as crianças a caminhar pelo pátio da escola. Aos poucos, elas foram se aproximando das árvores, tocando as folhas, observando os galhos e explorando aquilo que encontravam pelo chão. Algumas se agachavam

para ver pedrinhas ou sementes; outras mostravam aos colegas os pequenos tesouros que encontravam, como gravetos ou folhinhas secas.

Figura 1- Exploração do Ambiente Natural



Fonte:Acervo Pessoal, 2025.

Um dos momentos mais marcantes aparece nas fotos: uma criança, com toda a delicadeza da infância, abre a mão para mostrar algo que encontrou. É como se dissesse: “Olha o que eu descobri!” Esse gesto tão simples traduz perfeitamente a curiosidade e o encantamento que surgem quando a criança tem liberdade para investigar o mundo ao redor. Durante essa exploração, elas conversavam, chamavam umas às outras, trocavam impressões e dividiam descobertas. Esse tipo de interação fortalece vínculos, desenvolve a comunicação e mostra como o aprender juntos se torna ainda mais rico.

Figura 2- Exploração de Árvores e Folhas



Fonte:Acervo Pessoal, 2025.

O contato com as árvores também trouxe movimento: esticar o corpo para alcançar os galhos, tocar as folhas mais altas, caminhar na grama, equilibrar-se no solo irregular. Tudo isso favoreceu a coordenação motora, o equilíbrio e a consciência do próprio corpo. Foi bonito observar como cada criança se expressava através do movimento e da curiosidade.

Figura 3- Vivência Sensorial: Areia, Água e Folhas



Fonte:Acervo Pessoal, 2025.

No segundo momento, sentamos em roda em baixo de uma árvore e o ambiente foi preparado com areia pela professora. Entregamos potinhos com água e utilizamos as próprias folhas que havíamos coletado. E aí, a mágica começou.

As crianças tocaram a areia com as mãos e com os pés, molharam, misturaram, espalharam... produziram texturas, fizeram marcas, observaram as mudanças que aconteciam quando a água encontrava o pó da areia. Esse contato direto com diferentes sensações — o seco, o molhado, o macio, o áspero é extremamente valioso na Educação Infantil, pois amplia o repertório sensorial de forma natural e prazerosa.

As folhas, quando deslizadas pela superfície, viraram ferramentas de desenho. Algumas crianças as usavam como pincéis; outras pressionavam para deixar marcas. Tudo era experimentação, tudo era descoberta. E o corpo inteiro participava: mãos, pés, pernas, até expressões faciais que revelavam surpresa, alegria ou concentração.

Durante a vivência, elas conversavam, riam, mostravam umas às outras o que estavam fazendo. O clima era de cooperação e troca, sem pressa e sem rigidez — apenas o tempo da infância acontecendo.

Além do aspecto pedagógico, a atividade reforçou a importância de permitir que as crianças tenham contato real com a natureza, vivam experiências ao ar livre e exerçam sua autonomia.

Elas participaram de tudo: coletaram materiais, experimentaram combinações, fizeram descobertas e conversaram sobre aquilo que encontravam.

Cada movimento, cada toque e cada olhar revelava que aquela proposta fazia sentido para elas que estava conectada com sua curiosidade natural, com seu desejo de explorar e com a maneira como constroem conhecimento.

As imagens registram uma atividade viva, pulsante, cheia de significado. Um momento em que corpo, imaginação e natureza se encontraram, criando um ambiente fértil para descobertas, encantamento e aprendizagens profundas. Uma prática simples, mas poderosa, que valorizou a infância em sua essência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da discussão estabelecida compreende-se que as propostas baseadas na EA seguem as orientações legais e pedagógicas dos documentos oficiais como CF/88, PNEA e BNCC, sendo indispensável a discussão sobre abordagens significativas na Educação Infantil. Práticas para além de atividades internas de sala de aula, que explorem o ambiente natural existente nas instituições e realizando atividades que explorem a imaginação, socialização, experimentação, sensações e atenção a formação de conceitos pelas crianças.

Buscando incorporar às práticas pedagógicas voltadas para EA a partir da tenra idade e compreender como essas diretrizes contribuem para a construção de experiências significativas que aproximem as crianças da natureza, promovam atitudes de cuidado, responsabilidade e respeito ao meio ambiente e favoreçam a formação de uma consciência ambiental crítica e sustentável desde os primeiros anos de vida.

A pesquisa evidenciou que a inserção de práticas de EA na Educação Infantil favorece significativamente o desenvolvimento de atitudes de curiosidade, cuidado e responsabilidade das crianças em relação ao meio natural e mostraram que, quando têm acesso a experiências concretas de exploração e contato com a natureza, as crianças demonstram maior interesse em observar, investigar e compreender fenômenos naturais presentes em seu cotidiano.

Conforme destaca Reigota (2001), a EA não se limita à execução de grandes projetos; ela se constrói nos significados que as crianças criam a partir das experiências e vínculos que estabelecem com o ambiente. Partindo da experiência proposta com a turma do grupo 2 o caminhar até a área externa, observar árvores, tocar a terra ou perceber pequenas formas de vida no solo são aprendizagens ambientais poderosas, pois ativam a curiosidade, a sensorialidade e o sentimento de pertencer àquele espaço. Dessa forma, sair da sala e explorar os espaços externos da escola, mesmo quando a horta ainda não está implantada, já é fazer EA.

Verderio (2021) lembra ainda que a EA atravessa todas as experiências educativas. Na Educação Infantil, acontecendo de maneira natural: ao explorar a terra, por exemplo, a criança amplia sua linguagem, desenvolve cognição e motricidade, fortalece vínculos sociais e expressa sua afetividade tudo ao mesmo tempo. Ao observar o céu, o vento e os sons ao redor, experimenta noções iniciais de ciência; ao conversar com os colegas, exercita a comunicação; ao tocar e manipular a terra, envolve-se com experiências sensoriais fundamentais ao desenvolvimento. Desse modo, uma proposta simples, como a exploração do entorno e da terra, produz aprendizagens amplas, plurais e integradas.

Mesmo a atividade de imaginar uma horta, ainda que a horta não tenha sido efetivamente construída já mobiliza ideias de responsabilidade, cultivo, paciência e valorização da vida.

Tiriba (2010) destaca que o cuidado não se ensina por meio de discursos, mas de vivências que permitam sentir a natureza de maneira afetiva.

Como afirma Verderio (2021), a EA na Educação Infantil não depende de grandes estruturas, mas de intencionalidade pedagógica e de experiências que possibilitem à criança perceber-se como parte do ambiente. Por isso, o resultado é muito maior do que se imagina: mesmo que o plano inicial de implantar uma horta não tenha sido concluído, o processo vivido pelas crianças essa jornada de descobertas e cuidados compartilhados já se configura como uma prática altamente significativa e transformadora de EA. A caminhada até o local, a observação do espaço, o toque na terra e o diálogo espontâneo sobre os elementos da natureza constituem um percurso pedagógico valioso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise efetivada durante o desenvolvimento das propostas de sequência didática realizada com a turma do grupo 2 da EMEI e em consonância com os estudos documentais e bibliográficos realizados acerca do trabalho com a EA, foi possível constatar que existem inúmeras possibilidades de incorporar a EA ao cotidiano escolar de forma significativa. Neste sentido os documentos oficiais são bases para fundamentar atividades com a natureza no ensino a partir da Educação Infantil e o desenvolvimento das experiências propostas contribuíram para sensibilizar as crianças, favorecer a experimentação e despertar a curiosidade.

A crescente inserção de temas voltados para EA nas instituições escolares também se refletiu nesta proposta, evidenciando que um trabalho consistente pode ser iniciado desde os primeiros anos de escolarização. Corroborando para que as crianças tenham acesso a vivências reais e contato direto com a natureza, desenvolvendo maior capacidade de interpretar o mundo natural, compreendendo suas transformações e reconhecendo a necessidade de preservação. Neste sentido, é fundamental promover situações que articulem teoria e prática, possibilitando o desenvolvimento de múltiplas habilidades cognitivas, sociais e motoras.

A experiência desenvolvida com o grupo 2 demonstra que a EA na Educação Infantil se constrói muito mais no percurso do que no produto final, pois mesmo sem a implantação da horta, o conjunto de vivências, caminhadas exploratórias, escutas atentas, manipulação da terra, observação de pequenos seres e conversas coletivas revelou-se profundamente formativo. As crianças puderam se relacionar com a natureza de maneira sensorial, investigativa e afetiva, estabelecendo vínculos que fortalecem o sentimento de pertencimento e o cuidado com o ambiente.

Os registros, as falas espontâneas e o envolvimento das crianças reforçam as ideias apresentadas pelos autores mencionados, onde a EA especialmente na primeira infância, nasce do encontro direto com o mundo natural e das possibilidades que ele oferece para descobrir, questionar, imaginar e significar. Trata-se de uma prática que integra corpo, emoção e pensamento, favorecendo tanto aprendizagens cognitivas quanto o desenvolvimento socioemocional.

Assim, a fundamentação teórica articulada ao relato de experiência evidencia que práticas simples, sensoriais e inseridas no cotidiano das crianças possuem grande força formativa na construção de valores ambientais. Os autores evidenciados no trabalho apontam que a EA na primeira infância não depende de projetos complexos ou de resultados grandiosos, mas de

oportunidades concretas para que as crianças se relacionem com o mundo natural de maneira viva, curiosa e significativa.

Quando a escola reconhece a natureza como um espaço legítimo de aprendizagem um ambiente onde o corpo se movimenta, toca, observa, sente e cria ela amplia as possibilidades de construção de saberes e fortalece vínculos afetivos que apoiam atitudes de cuidado e responsabilidade. A primeira infância é um período em que pequenas descobertas ganham grande sentido; por isso, experiências como caminhar ao ar livre, manipular elementos naturais, observar seres vivos e dialogar sobre o que se vê tornam-se ferramentas essenciais para desenvolver a percepção ambiental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: 1998.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 28 abr. 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189–205, 2003.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

SAE Digital. Contato Com a Natureza no Desenvolvimento das Crianças. **Blog SAE Digital**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://sae.digital/contato-com-a-natureza/>. Acesso em 10 de novembro de 2025.

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. In: **I Seminário Nacional – Currículo em Movimento: Perspectivas Atuais**, 2010, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VERDERIO, Leonardo Álisson Pompermayer. O desenvolvimento da Educação Ambiental na Educação Infantil: importância e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 130–147, 2021.